

## NOTA EDITORIAL

Com o número de outubro que agora se apresenta, completa-se a publicação do trigésimo terceiro volume da Revista Filosófica de Coimbra. Neste novo número, os nossos leitores encontrarão na secção de *Artigos* seis trabalhos de inquestionável qualidade que se organizam por ordem alfabética do último nome de cada um dos autores.

O primeiro dos aludidos ensaios tem por título “Sonhar o porvir – uma *educação* para a *responsabilidade/humanidade*. No rastro de E. Levinas e de J. Derrida” e é da autoria de Fernanda Bernardo, reconhecida pensadora contemporânea e colaboradora assídua da nossa Revista, em redor da qual se reúnem muitos dos seus leitores habituais. Neste trabalho de inequívoca importância, e nas palavras da autora, trata-se de “sem moralismo nem tecnofobia”, interrogar “o que deveria ser *educar e ensinar* para a vigília e a coragem solitária do *pensamento*, bem como para a dignidade de uma *humanidade in-formada e responsável*, apresentando a *responsabilidade (meta-ética)* (...) não só como a única *responsabilidade* à altura dos desafios do nosso tempo, mas também como a única a, *lucidamente*, permitir *sonhar* com a *promessa* de uma *cultura* e de um *amanhã de paz, de bem-estar e de justiça crescente*”.

Segue-se um texto de grande profundidade da autoria de António Castro Caeiro, pensador vigoroso e elegante, cujo lugar de relevo no panorama filosófico atual é indisputável. Nesta ocasião, o conhecido autor apresenta-nos uma investigação intitulada “A melody that sings itself. Phenomenology of the Umwelt” na qual se dedica a descrever a “perspetiva de von Uexküll sobre a possibilidade de traduzir elementos não acústicos (óticos: cores, formas e figuras; hápticos: texturas tácteis, sabores, gostos e aromas) em sons ou notas musicais para compor uma melodia”. Bastariam certamente estas linhas para convencer os nossos leitores do interesse deste trabalho, mas poderíamos ainda acrescentar o elenco das questões que, como eixos orientadores, o percorrem. Eis como as formula o próprio autor: “a ligação entre melodia e natureza torna as entidades naturais em notas musicais? Os componentes de uma entidade constituem notas anatómicas na melodia que define a própria entidade? É concebível destilar cada momento da vida num símbolo de ‘nota’ numa escala musical, caracterizado por uma duração, altura e volume específicos?”

O terceiro texto da secção de *Artigos* tem por título “Francisco Suárez e a consciência jurídica da Universidade de Coimbra. (Lembrando o Centenário do Nascimento de Mário Soares)”. É da autoria de Mário Santiago de Carvalho, antigo Diretor da nossa Revista, insigne investigador e autor maior com lugar já cativo no horizonte da investigação em filosofia medieval (e não só). No presente texto, escrito para celebrar os 50 anos do 25 de abril, o autor pretende acompanhar (nesta ocasião encontrando motivação justa nas alusões que o político português Mário Soares fez a Suárez em um dos seus textos) “o motivo historiográfico conhecido como “consciência jurídica da Universidade de Coimbra” associado ao *De Legibus* de Francisco Suárez (1548-1617)”. Num texto onde a elegância da escrita é capaz de igualar a exaustividade e rigor ímpares da análise, Mário Santiago de Carvalho aproxima os dois nomes reunidos no título do artigo em redor do tema da liberdade. Sobre a liberdade, apontará os esforços constantes que a respetiva defesa constantemente reclama, sendo esta uma circunstância que, cruzando os séculos, junta, desde logo, todos aqueles que pela sua “ação ou intervenção críticas” representam a linha de proteção de uma sociedade emancipada “sempre que um qualquer relativismo se arvora em absoluto”.

Apresentemos agora, com a brevidade a que esta *Nota Editorial* obriga, o quarto artigo do presente número. Por feliz coincidência trata-se de mais um trabalho de investigação que cruza os textos de Suárez. Eis o título: «Suárez (1548-1617) et Grotius (1583–1645). Du droit naturel au droit des gens. Histoire et devenir humain». O autor é Jean-Paul Coujou da Universidade Católica de Toulouse, um dos maiores especialistas mundiais no pensamento do filósofo granadino. Como nos indica claramente o título transcrito, trata-se neste texto de analisar a “articulação que Suárez (1548-1617) e Grócio (1583 a 1645) propõem entre o direito natural, o direito internacional e o direito civil”. Enquanto o direito natural é um “ponto de transição entre o teológico e o político para ambos os autores”, o direito natural é apresentado como uma “ponte entre a ontologia e a política para Suárez e entre a antropologia e a política para Grotius”. O tema do direito natural será, neste debate, o aspeto crucial por reivindicar uma “universalidade que não pode ser encontrada na ordem dos factos” e, nesse sentido, será um princípio justo.

Segue-se o trabalho de Francisco da Costa Espada: “E. M. de Melo e Castro e a ‘força sintetizadora da comunicação visual’”. Neste seu texto, que consideramos possuidor de manifesta originalidade, o autor analisa com minúcia e competência o modo como se configura a “força sintetizadora da comunicação visual” em Melo e Castro, argumentando que, em tal espaço onde se relacionam sistemas semióticos e mediais, se integram criativamente “materiais e técnicas artísticas tradicionais e inovadoras”, capazes de desvendar conjugações essenciais entre materiais e formas, códigos e sistemas semióticos distintos. Numa palavra, sustenta-se que no trabalho de Melo e Castro continua a *dar que pensar* a correlação entre o linguístico e o pictórico.

O derradeiro artigo da nossa secção inicial é da autoria de Camila Lobo, tendo por título “Além do dogma e da ideologia: Wittgenstein sobre o propósito da filosofia”. Trata-se de um trabalho de evidente atualidade, no qual a autora, de modo rigoroso e aliciante, pretende argumentar o seguinte: se o conteúdo do que é pensado dogmática ou ideologicamente “leva a uma avaliação social crítica do mesmo, a sua forma (aquilo que se passa quando um sujeito pensa dogmática ou ideologicamente) é porventura condenável filosoficamente”. Mais precisamente, a autora elege como objetivo central deste seu trabalho o que “há de comum entre o pensamento religioso dogmático e o pensamento político ideológico”, visando neste paralelo analisar um “tipo de pensamento que domina as capacidades racionais do sujeito, operando frequentemente de forma implícita e irrefletida nas várias dimensões da sua vida, ainda que distorça a sua perceção do mundo”.

Permitam os nossos leitores que se sublinhe, jubilosamente, o modo como nesta nossa secção de *Artigos* se juntam autores já consagrados por um longo e rico trajeto filosófico e promissores investigadores, que permitem antever um futuro seguro para os estudos filosóficos realizados em Portugal. Estes bons auspícios, diga-se, são igualmente confirmados pelo longo e relevante trabalho que publicamos na nossa secção de *Estudos*, da autoria de João Paulo Costa: “Le corps sensible: corporéité et affectivité chez Merleau-Ponty”. Trata-se de uma longa, densa e conceptualmente original investigação sobre “o enigma do corpo sensível”, na qual se afirma a afetividade como “a maneira fundamental de ser-no-mundo na filosofia merleau-pontyana”. Na verdade, o autor irá mais longe no seu corajoso e muito sólido ensaio: é uma aproximação inovadora entre fenomenologia e estética que, neste texto, merece, sem qualquer dúvida, ser considerada.

Após a secção de *Estudos*, os leitores fiéis da nossa Revista Filosófica de Coimbra encontrarão ainda nas páginas do presente número o apartado de *Recensões*, ao qual se seguem os costumeiros elementos que encerram cada um dos nossos volumes: “obras enviadas à redação” e índice onomástico. Estamos certos de que, uma vez mais, os leitores mais exigentes encontrarão neste número da nossa Revista amplos motivos de interesse.

*Luís António Umbelino*

Diretor

DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_66\\_0](https://doi.org/10.14195/0872-0851_66_0)

